



## ATIVIDADES PRESENCIAIS SUSPENSAS E AS MUDANÇAS NA ROTINA DE UM ESTUDANTE COM TEA DURANTE A PANDEMIA

Noélia Rodrigues dos Santos <sup>1</sup>

### RESUMO

A suspensão das atividades escolares presenciais foi uma das medidas temporária de prevenção ao contágio da Covid-19. Considerando as dificuldades para as pessoas com autismo frente a mudanças, lançamos nosso questionamento: como foi para os estudantes com TEA lidar com a interrupção das atividades presenciais em razão da pandemia da Covid-19? Assim, nosso objetivo foi analisar, na perspectiva materna, as mudanças na rotina de um estudante com TEA em razão da suspensão das atividades presenciais no momento da pandemia da Covid-19 (coronavírus). Para tanto, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, classificada como estudo de caso e contamos com um questionário como instrumento de coleta de dados. A mãe de um estudante com diagnóstico de TEA foi a participante da pesquisa. A coleta de dados ocorreu em maio de 2020. Contamos com o suporte teórico que tratam sobre o conceito e diagnóstico de TEA no DSM V (2014), Assumpção Jr (2013), Miura (2013) e pela SBP (2019). Por meio dos nossos achados foi possível verificar que o empenho da mãe foi determinante para avanços na aprendizagem do filho com TEA nesse momento de nova dinâmica escolar com aulas não presenciais. Porém, antes desses avanços na aprendizagem, a criança teve de enfrentar um processo de desconstrução, pois o acompanhamento terapêutico e os progressos relacionados à interação social foram interrompidos.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Educação Especial, Educação Inclusiva.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Alagoas, para conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, intitulado *A perspectiva materna sobre a trajetória escolar do filho com TEA: sucessos obtidos e desafios enfrentados*. Para esse momento, focamos na rotina escolar do estudante com TEA durante a suspensão das atividades presenciais em razão da pandemia do novo coronavírus (Covid-19).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) não se constitui como tema novo de pesquisas clínicas e acadêmicas. O termo autismo surgiu em 1943 quando Leo Kanner, por meio da observação do desenvolvimento de onze crianças internadas numa instituição, percebeu que estas se comportavam de forma diferente se comparado aos demais (SUPLINO, 2013). A partir

---

<sup>1</sup> Psicóloga e Mestre em Educação. Professora Assistente do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas/campus do Sertão, [noeliar1@gmail.com](mailto:noeliar1@gmail.com)



daí, o autismo tem sido uma temática discutida em vários campos do conhecimento, porém ainda se mantem cercado de mistérios.

Atualmente, explica Assumpção Jr (2013), se estabeleceu que o autismo deve ser considerado como um conjunto de sintomas, sendo mais interessante representá-lo por meio de uma única categoria diagnóstica que possa se adaptar a partir da condição clínica individual e que admita a inclusão de especificidades. Assim, convencionou-se o uso do termo Transtorno do Espectro Autista (TEA). Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (2014, p. 53):

O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger.

Esses transtornos foram fundidos pois seus sintomas representam um *continuum* único de déficits na comunicação social e nos comportamentos restritivos e repetitivos que podem variar de leve a grave. Essa mudança foi efetuada com o propósito de melhorar a sensibilidade e especificidades no diagnóstico e para o orientar o tratamento do TEA (DSM V, 2014). Miura (2013) complementa, que embora a definição tenha mudado, as principais características do transtorno são as mesmas.

Assim, o TEA é classificado pelo DSM V (2014) como um transtorno do neurodesenvolvimento, que tem como características principais os déficits persistentes na comunicação e na interação social em diferentes contextos e padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Esses sintomas estão presentes desde o início da infância e causam prejuízos clinicamente significativo pois interferem em áreas importantes da vida de uma pessoa.

É válido ressaltar, que as manifestações do TEA variam bastante, dependendo da sua gravidade, do nível desenvolvimento e da idade cronológica do indivíduo que apresenta essa condição. No contexto escolar, é preciso considerar essa afirmação, sendo importante conhecer as especificidades de cada estudante pois, “cada aluno com autismo é um ser único, com características próprias, e por isso responde às intervenções de forma diferente, particular e no seu tempo, necessitando de um olhar individualizado do professor” (MENEZES, 2013, p. 123).

Considerando os sintomas que envolvem os padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, as pessoas com TEA podem mostrar-se resistentes a mudanças, inclusive a modificações aparentemente pequenas, por isso é comum apresentarem excessiva adesão a rotinas ou padrões de ritualizados de comportamento. Em casa, a aversão à



mudança e a insistência em rotinas podem interferir na alimentação e no sono, tornando os cuidados diários extremamente difíceis. Na escola, as dificuldades para enfrentar mudanças têm impacto negativo no desempenho acadêmico (DSM V, 2014). É de se imaginar as dificuldades para uma pessoa com TEA enfrentar a série de mudanças impostas pela pandemia da Covid-19 nas mais diferentes atividades, incluindo a educação.

Especificamente em se tratando do contexto escolar, é crescente o número de estudantes com TEA matriculados em escolas regulares. É unânime a ideia de que as crianças com TEA devam frequentar a escola regular, mas também é consenso que uma parte significativa desses estudantes “requer serviços de suporte especializados e adaptações curriculares para vivenciar e experimentar sucessos nestes contextos educacionais” (MIURA, 2013, p. 73). Sendo assim, no sistema regular de ensino os estudantes com TEA fazem parte do público-alvo da Educação Especial, com direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo este um suporte pedagógico para viabilizar a inclusão.

Essas atividades escolares, tanto aulas, quanto o AEE, foram suspensas durante a pandemia da Covid 19, tendo que ser organizadas num curto prazo e com pouco discussão, num formato não presencial, impondo aos estudantes com TEA uma nova dinâmica escolar. Considerando o que outrora afirmamos sobre as dificuldades quanto a mudanças, cabe nosso questionamento: como foi para os estudantes com TEA lidar com a interrupção das atividades presenciais em razão da pandemia da Covid-19?

Em Alagoas, o Decreto nº 69.527 determinou a suspensão de todas as atividades educacionais do ensino público e privado no Estado a partir de 23 de março de 2020, sendo uma das medidas temporária de prevenção ao contágio pela Covid-19 (coronavírus) (ALAGOAS, 2020a).

Posteriormente foi estabelecido o regime especial de atividades escolares não-presenciais nas unidades de ensino da rede pública, determinando que as atividades pedagógicas sejam realizadas por meio da mediação tecnológica ou pela utilização de outros meios físicos (por exemplo: estudo dirigido, orientações impressas com textos e avaliações enviadas aos estudantes/famílias), com o propósito de manter a rotina de estudos e garantir a aprendizagem. Cada instituição de ensino pode construir seu próprio plano de ação, seja pela utilização de ambientes virtuais ou utilizando meios físicos, adotando a avaliação qualitativa (ALAGOAS, 2020c).

Assim, todas essas mudanças implicaram em reorganização de rotinas para os estudantes com TEA e suas famílias. Dessa forma, nosso objetivo é analisar, na perspectiva materna, as mudanças na rotina de um estudante com TEA em razão da suspensão das



atividades presenciais no momento da pandemia da Covid-19 (coronavírus). É consenso que o autismo tenha impacto para a criança e para seus familiares, aqui escolhemos ouvir a mãe pois é esta que fica à frente dos cuidados e acompanhamento do filho com TEA.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo de método qualitativo. Esse tipo de pesquisa, segundo Minayo (2012, p. 21), “responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas áreas das Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou deveria ser quantificado, pois trabalha com o universo dos significados”. Em nosso estudo nos concentramos na perspectiva materna, com foco no que a mãe tem a nos dizer acerca da vivência e interação com o filho diagnosticado com TEA no momento da pandemia da Covid-19.

Nossa pesquisa configura-se como um estudo de caso. Gil (2002) explica que esse é uma das modalidades largamente utilizadas nas ciências biomédicas e sociais, implicando num estudo profundo de um ou poucos objetos, de forma que favoreça o amplo e detalhado conhecimento, sendo também, considerado o delineamento mais adequado para investigar um fenômeno contemporâneo em seu contexto real.

Foi participante dessa pesquisa a mãe de um estudante diagnosticado com TEA. A participante tem 47 anos de idade, é casada e possui graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia. Na época da pesquisa era docente contratada da Secretaria Municipal de Educação de Água Branca – AL e atuava como professora auxiliar numa turma de Educação Infantil de uma escola da zona rural do município já mencionado. Ela é mãe de um menino de 10 anos de idade com diagnóstico de TEA, matriculado no 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública. Ouvir a mãe foi entendido por nós como um dos caminhos possíveis para entender aspectos relacionados à escolarização do estudante nesse momento de ensino não-presencial.

Em razão do distanciamento social, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário, que foi enviado via aplicativo de mensagem (WhatsApp). A coleta de dados ocorreu em maio de 2020.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Mediante as informações coletadas foi possível ter elementos que nos ajudaram a avaliar as mudanças na rotina da criança com TEA ocasionada pela suspensão das aulas presenciais e



do AEE em razão da pandemia da Covid-19 (coronavírus). Assim, foi possível organizar nossas análises em dois eixos: 1) Implicações nos atendimentos terapêuticos e nas interações sociais e 2) Adaptação à nova metodologia e envolvimento materno.

## 1 Implicações nos atendimentos terapêuticos e nas interações sociais

A mãe participante da pesquisa nos contou que as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública decorrente da Covid-19 no Estado de Alagoas tiveram impacto significativo na rotina de seu filho. Explicou que foi preciso interromper o acompanhamento do filho, afirmou:

*[...] até para a terapeuta não podíamos ir, pois havia uma barreira entre Água Branca-AL e Delmiro Gouveia-AL impedindo o acesso. Meu Deus! Fiquei fora de mim.*

Isto porque em março de 2020 foi declarada a emergência no estado de Alagoas e intensificadas as medidas para enfrentamento da pandemia da Covid-19, declarando-se a suspensão das atividades em estabelecimentos comerciais, incluindo consultórios médicos e psicológicos, que só poderiam atender serviços de emergência. Além disso, também foi vedado o transporte intermunicipal de passageiros (ALAGOAS, 2020b).

A intervenção junto as pessoas com TEA é um aspecto relevante para melhorar a qualidade de vida. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) é importante iniciar a intervenção e suporte adequado assim que for feito o diagnóstico do TEA. Ressalta que cada criança tem necessidades específicas, o que torna preciso um plano individualizado de intervenção. Além disso, a escassez de serviços especializados e de qualidade consiste em dos desafios encontrados pelas famílias de crianças com TEA, sendo também um fator que causa sobrecarga emocional nos pais, o que justifica a apreensão da mãe participante dessa pesquisa com a interrupção do atendimento do filho.

Com vista a dar continuidade aos atendimentos terapêuticos nesse momento de distanciamento social, Brito et (2020) recomendam o atendimento por vídeo chamada por profissionais de diferentes especialidades, com mediação dos familiares, sendo realizados no mesmo horário em que a criança era atendida presencialmente pois, mesmo que remotas, essas sessões podem auxiliar na redução da ansiedade.



Em relação às atividades escolares, estas foram suspensas ainda em março de 2020 como medida preventiva à disseminação da Covid-19 (ALAGOAS, 2020a). A mãe nos relatou os impactos imediatos da suspensão das atividades, nos relatou:

*No início foi um pouco complicado pois ele já estava se acostumando na escola, de repente veio a notícia que chocou todo mundo e tudo que vínhamos conquistando em relação a interação com meio social, foi tudo **desconstruído!** Já não podia cumprimentar, sair para brincar com os colegas e nem ir à escola. Ele queria saber o porquê não ir à escola, de não ir passear. Tudo Isso lhe causava enormes frustrações, nossa! (grifo nosso)*

Desde março de 2020 estamos buscando respostas para as novas dinâmicas instituídas pela pandemia da Covid-19. São mudanças que tiveram de ser implementadas de forma abruptas, novas formas de relação para manter o distanciamento físico, isolamento social, alteração nos hábitos de higiene, mais tempo em nossos domicílios, mudanças no lazer, entre outros aspectos que ainda estamos nos adaptando. Corroborando com a afirmação, Brito et al (2020) enfatizam que a pandemia da Covid-19 gerou novos desafios para as crianças com TEA e suas famílias, em razão da necessidade de reestruturar rotina para se adequar às medidas de prevenção ao contágio.

É importante frisar que “os alunos com TEA requerem apoios para que a aprendizagem e o desenvolvimento sejam benéficos, principalmente para favorecer as interações sociais e acadêmicas” (MIURA, 2013, p. 76). A suspensão das atividades que possibilitam essas interações pode implicar em retrocessos, em desconstrução como colocado pela mãe participante.

## 2 Adaptação à nova metodologia e envolvimento materno

A pandemia impôs a suspensão de inúmeras atividades, entre elas as atividades escolares como já relatamos. Antes de seguirmos com a apreciação sobre a necessidade de adaptação é preciso compreender a situação da criança com TEA antes da suspensão das aulas presenciais. A mãe nos contou que seu filho ainda não sabe ler, apenas reconhece as letras do alfabeto, os números e as formas geométricas. Nos esclareceu o seguinte:

*Antes da pandemia ele [seu filho] escrevia letras de forma, conhecia o alfabeto completo conhecia os números de 0 a 50, as figuras geométricas simples (quadrado, triângulo, círculo e retângulo), identificação de gravuras.*

Durante a pandemia, depois da implementação das aulas remotas, a mãe nos contou que o desenvolvimento do filho tem sido lento, mas com explicações detalhadas o menino já está se acostumando com a nova rotina. Sobre as atividades pedagógicas não presenciais implementadas pela escola para garantir o atendimento escolar e a aprendizagem do seu filho em meio a pandemia, a mãe fez o seguinte relato:

*O professor da sala de recursos entrega em média oito atividades mensais, já a professora da sala comum envia as aulas através de vídeos. Eu como mãe e professora preparo atividades para desenvolver a aprendizagem do meu filho. Já percebo uma grande progressão na aprendizagem dele. Também sempre estou explicando a ele o porquê do isolamento social, sempre falando sobre a impossibilidade em ir à escola, com bastante diálogo ele está se adaptando a nova rotina.*

A crise de saúde ocasionada pela Covid-19, segundo a UNESCO (2020), implicou no fechamento de escolas e universidades, atingindo mais de 90% dos estudantes do mundo. A recessão econômica ocasionada pela pandemia pode aprofundar as desigualdades e regressar o progresso alcançados com a expansão do acesso à educação e na melhoria da qualidade da aprendizagem em todo o mundo.

No Brasil, o Parecer CNE/CP nº 5 de 28 de abril de 2020 reconheceu a possibilidade da suspensão das atividades presenciais ser longa em razão da pandemia da Covid-19, e que esse fato pode dificultar a reposição das aulas de forma presencial, implicando em retrocessos no processo educacional e na aprendizagem, com danos sociais para os estudantes e suas famílias e aumento do abando e da evasão escolar. Com vista a garantir que os estudantes mantenham uma rotina básica de atividades escolares, mesmo estando afastados do ambiente físico da escola, determinou-se a reorganização do calendário escolar por meio de atividades não presenciais (BRASIL, 2020).

Esse mesmo documento, orientou que as atividades pedagógicas não presenciais, mediadas ou não por tecnologias digitais, devam ser aplicadas aos estudantes da Educação Especial, recomendando que adotem medidas de acessibilidade. Orientam que o AEE deva ser garantido no período de pandemia, sendo suas atividades pedagógicas não presenciais organizadas por professores especializados em articulação com as famílias. É preciso destacar, que o referido documento reconhece que Estados e municípios têm liberdade e autonomia para se organizar, de modo que “devem buscar e assegurar medidas locais que garantam a oferta de serviços, recursos e estratégias para que o atendimento dos estudantes da educação especial ocorra com padrão de qualidade” (BRASIL, 2020, p. 15).



É necessário refletir que presença de estudantes com TEA em turmas regulares constitui um desafio para educadores, uma vez que sua aprendizagem e mesmo sua participação em atividades escolares podem não acontecer facilmente (MENEZES, 2013). Num contexto de mudanças, para que sua aprendizagem ocorra vai requer que professores revejam suas práticas de ensino.

No caso estudado, é válido ressaltar que temos uma mãe professora, e isso pode fazer a diferença. O próprio documento enfatiza a importância da família durante esse período. A participação da família e o processo de escolarização dos filhos com TEA tem sido objeto de estudos. Cabral Falcke e Marin (2021) verificaram que os pais têm papel ativo e mostram-se envolvidos no processo de escolarização de seus filhos e têm reivindicado da escola respostas sobre o TEA. Ficou evidente a vontade de avançar e a motivação para superar os obstáculos que ainda impedem a inclusão escolar, se mostrando inquietos na procura por conhecimento e recursos de atendimento adequados aos estudantes com TEA no ambiente escolar. Este parece ser a situação da mãe participante da pesquisa. Em um de suas falas, ela explica:

*Como eu sempre busco informações sobre o TEA para assim saber lidar melhor com o meu filho, além da pós-graduação em psicopedagogia que fiz após o diagnóstico, busco sempre informações que contribuam para o bem-estar do meu filho e da nossa família.*

Mas a frente, a mãe deixa claro o sentimento de felicidade em ver o desempenho e avanços do filho, afirmando que ele cursará o 4º ano do Ensino Fundamental no ano letivo de 2021.

*Ele agora já escreve com letras cursivas, forma sílabas e algumas pequenas palavras, escreve qualquer número com três ou mais algarismos. Ele está mais interativo e com um melhor comportamento e no próximo ano (2021) cursará o 4º ano. Ainda não sabemos de que forma: se presencial ou online ou como estamos, seja qual for a forma darei o meu melhor para conseguir ver o meu filho progredir.*

Como podemos observar, a criança conseguiu progredir na aprendizagem, de forma que o momento pandêmico acabou sendo frutífero, pois a sua mãe pedagoga mostrou-se empenhada nas atividades escolares junto ao filho, seja acompanhando as tarefas enviadas pelos professores da sala regular e do AEE, seja preparando aulas extras.

Nossa intenção não é mostrar que a pandemia favoreceu à escolarização. Porém, no caso aqui estudado, apesar das dificuldades impostas pelo momento pandêmico e das dificuldades



em relação as mudanças, o esforço e a dedicação da mãe fizeram a criança progredir na aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi analisar, na perspectiva materna, as mudanças na rotina de um estudante com TEA em razão da suspensão das atividades presenciais no momento da pandemia da Covid-19 (coronavírus). Assim, trouxemos à baila o relato de uma mãe sobre os desafios impostos pela suspensão das atividades escolares e do acompanhamento terapêutico do filho. Ora, reconhecemos a complexidade que caracteriza o TEA e também as necessidades específicas de cada pessoa, que necessita de acompanhamento individualizado. Um modelo terapêutico eficaz pode proporcionar às pessoas com TEA mais qualidade de vida. Assim, a interrupção no tratamento pode implicar em perdas significativa para a criança.

Em nossos achados, verificamos que a dedicação da mãe foi determinante para avanços na aprendizagem do filho nesse momento de nova dinâmica escolar com aulas não presenciais. A implementação dessa nova rotina, com as atividades sendo realizadas em casa com o auxílio da mãe acabou favorecendo para progressos na aprendizagem do filho com TEA. Nota-se que a mãe, desde o diagnóstico buscou informações sobre o transtorno, empenhando-se em compreender melhor a condição do filho.

Em suas considerações a mãe indica que independente do formato das aulas, presencial ou não, ela irá continuar empenhando-se em prol do desenvolvimento do filho. Obviamente que a dedicação e empenho da mãe em auxiliar o filho com TEA é de extrema importância. Porém, a complexidade que caracteriza o TEA e as necessidades específicas dos indivíduos que o possui, nos faz pensar na afirmação de Assumpção Jr (2013, p. 17) de que “termos como ‘acolhimento’, ‘amor’ e ‘compressão’, embora com importância inquestionável, sejam insuficientes” pois, é necessário aos indivíduos o acesso a um plano de intervenção, em geral, caracterizado por um conjunto de modalidade terapêuticas que buscam melhorar sua qualidade de vida. Nesse caso, observamos sucesso na aprendizagem, mas outras habilidades precisam ser trabalhadas também.

Embora a mãe nos relate de forma orgulhosa os progressos dos filhos quanto a aprendizagem, mas antes nos relatou que teve de enfrentar um processo de desconstrução, pois os progressos relacionados à interação social tiveram de ser interrompidos. O que nos faz pensar da importância da escola enquanto espaço de interação e promoção de estratégias que abordam



as habilidades sociais dos estudantes com TEA. Esse aspecto de interação social ficou prejudicado, à espera do retorno às atividades presenciais.

Não podemos nos esquecer que a inclusão escolar ainda é um desafio para grande parte das escolas. Nesse momento pandêmico, consideramos que as escolas estão diante de um duplo desafio, o de rever suas práticas para incluir os estudantes público-alvo da Educação Especial e o de implementá-las num sistema de ensino não presencial.

## AGRADECIMENTOS

Em especial agradeço à minha orientanda Maria Lucivânia Gomes dos Santos, pela gentileza em ceder parte das informações colhidas em sua pesquisa de conclusão de curso.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS. **Decreto Nº 69.527, de 17 de março de 2020**. Alagoas, 2020a. Disponível em: <http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletim-informativo/legislacao-estadual/DECRETO%20N-a6%2069.527-%20DE%2017%20DE%20MAR-cO%20DE%202020.pdf>. Acesso em: 07 de mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Decreto Nº 69.541, de 19 de março de 2020**. Alagoas, 2020b. Disponível em: <http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletim-informativo/legislacao-estadual/DECRETO%20N-a6%2069.541-%20DE%2020%20DE%20MAR-cO%20DE%202020.pdf/view?searchterm=>. Acesso em: 07 de mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Portaria/SEDUC Nº 4.904/2020**. Secretaria de Estado da Educação, 2020c. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1srCs9UyvFAOqFhkyhFgizZY1HVdD7GDw/view>. Acesso em: 07 de mai. 2021.

ASSUNPÇÃO JR, F.B. O diagnóstico descritivo nos transtornos do espectro autístico. In: NUNES, L. R. D`O. P.; SUPLINO, M.; WALTER, C. C. F. (orgs.). **Ensaio sobre o autismo e deficiência múltipla**. Marília: ABPEE: Marquezine & Manzini, 2013, p. 11-18.

BRASIL. **Parecer CNE/CP nº 05 de 28 de abril de 2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, 2020.

Disponível em:

[https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE\\_PAR\\_CNECPN52020.pdf](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_PAR_CNECPN52020.pdf). Acesso em: 10 de out. 2021.

BRITO, A. R. et al. Autismo e os novos desafios impostos pela pandemia da COVID-19.

**Revista Pediatria SOPERJ**. 2020. Disponível em:

[https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/72.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/72.pdf). Acesso em: 10 de out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.



**IV CINTEDI**

EDIÇÃO DIGITAL

10.11E12 DE NOVEMBRO DE 2021

ISSN: 2359-2915

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MENEZES, A. R. S. A inclusão de alunos com autismo em escolas públicas de Angra dos Reis. In: NUNES, L. R. D`O. P.; SUPLINO, M.; WALTER, C. C. F. (orgs). **Ensaio sobre o autismo e deficiência múltipla**. Marília: ABPEE: Marquezine & Manzini, 2013, p. 117-125.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MIURA, R. K. K. Inclusão escolar de pessoas com espectro do autismo: análise da escrita após a leitura de história infantil. In: NUNES, L. R. D`O. P.; SUPLINO, M.; WALTER, C. C. F. (orgs). **Ensaio sobre o autismo e deficiência múltipla**. Marília: ABPEE: Marquezine & Manzini, 2013, p. 71-96.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Transtorno do Espectro do Autismo**. Nº 05, abril de 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/21775d-MO\\_-\\_Transtorno\\_do\\_Espectro\\_do\\_Autismo\\_\\_2\\_.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21775d-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo__2_.pdf). Acesso em: 11 de out. 2021.

SUPLINO, M. A inclusão de pessoas com autismo em escola regular: desafios e possibilidade. In: NUNES, L. R. D`O. P.; SUPLINO, M.; WALTER, C. C. F. (orgs). **Ensaio sobre o autismo e deficiência múltipla**. Marília: ABPEE: Marquezine & Manzini, 2013, p. 161-170.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 11 de out. 2021.